

O acontecimento Victor de Aveyron: esboço de uma genealogia da psiquiatrização da infância

*Lília Ferreira Lobo**

Resumo

O que aqui se denomina como “acontecimento Victor de Aveyron” inaugura, no contexto das práticas do século XVIII, novas questões para os saberes e as práticas médicas e pedagógicas, e novos problemas para este estranho objeto de conhecimento: “homem”. Este texto pretende traçar, a partir dos relatórios de Jean Marc Itard, sobre a tarefa que desenvolve na tentativa de educar o menino selvagem encontrado nos bosques de Aveyron, um esboço de uma genealogia histórica, segundo a perspectiva do pensamento de Michel Foucault. Trata-se do processo de construção da aliança médico-pedagógica e seus dispositivos de poder disciplinar e de normalização que deram origem à expansão da psiquiatria, processo que não passou pela criança louca, mas pela criança idiota. Se o aparecimento de Victor para as luzes da civilização provocou a produção de um saber colonizador sobre o corpo resistente à normalização, a busca do limite do corpo selvagem, tão incapaz quanto o idiota, provocou também o surgimento do dispositivo da aliança médico-pedagógica que até hoje observamos incidir sobre os corpos infantis, mesmo considerando as diferenças de objetivos, de recursos técnicos, das práticas institucionais, e das tentativas de inclusão social.

Palavras-chave: Acontecimento; Menino selvagem; Genealogia; Aliança médico-pedagógica; Expansão da psiquiatria.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

The event “Victor de Aveyron”: drafting a genealogy of psychiatric action in childhood

Abstract

What is called as “event Victor de Aveyron” opens in the context of the XVIII century practices new questions for knowledge and medical and pedagogical practices, and new issues for this strange object of knowledge: “man”. This text intends to trace an outline of a historical genealogy, which was reported by the task of Jean Marc Itard, in an attempt to educate the wild boy found in the woods of Aveyron, from the perspective of the thought of Michel Foucault. This is the process of constructing the medical and pedagogical alliance and its devices have the capacity to discipline and standardize. In addition, these devices led to the expansion of psychiatry and the process had no interest in crazy child, but in the idiot child. If the appearance of Victor to the civilization caused the production of knowledge settler about the body resistance to standardization, the pursuit of wild body limit, which was so incapable as the idiot, also led to the foundation of the medical and pedagogical alliance device that can be observed on the bodies of children even considering the differences in goals, technical, institutional practices and in attempts at social inclusion.

Keywords: Event; Wild boy; Genealogy; Medical and pedagogical alliance; Expansion of psychiatry.

A história ‘efetiva’ se distingue daquela dos historiadores pelo fato de que ela não se apóia em nenhuma constância: nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles. (FOUCAULT, 1977, p. 27).

O ‘homem’ como sujeito e objeto de conhecimento

Buscar o ponto de surgimento, a emergência do acontecimento Victor, o garoto selvagem dos bosques de Aveyron¹, significa, segundo a perspectiva genealógica de Michel Foucault, partir de um problema ou de um conjunto de problemas vigentes naquilo que hoje nos acontece. Trata-se de um pensamento estratégico que implica, para o pesquisador, em certas escolhas metodológicas, entre as quais “ceticismo sistemático a cerca dos universais antropológicos” (Foucault, Autobiography, 1988, p.14). Assim, o que hoje nos acontece, como as deficiências e as práticas a elas relacionadas (como uma pedagogia, a psiquiatria e o que chamamos de inclusão, por exemplo), não têm um sentido em si que percorre os tempos com apenas pequenas variações. Portanto, não se poderão considerar as figuras da deficiência, e/ou das anormalidades infantis, como uma continuidade que tivesse crescido como uma árvore milenar, presentes nas práticas de eliminação de Esparta ou em algum acolhimento benemérito do cristianismo. Por outro lado, o que aqui se denomina como “acontecimento Victor de Aveyron” inaugura, no contexto da medicina do século XVIII, novas questões para os saberes e as práticas médicas e pedagógicas, como também a emergência desse estranho sujeito, e, ao mesmo tempo, objeto de conhecimento, o

“homem” (Foucault, *As palavras e as coisas*)². Trata-se, a esse respeito, do que ainda hoje se considera como problema do humano no âmbito das Ciências Humanas, algo como uma “natureza” versus a cultura, um problema presente nas discussões, por exemplo, sobre seus desvios e sua infância.

Sobre esses saberes do século XVIII, Foucault menciona um tipo de relação de poder:

Parece-me [...] que o século XVIII instituiu, com as disciplinas e a normalização, um tipo de poder que não é ligado ao desconhecimento, mas que, ao contrário, só pode funcionar graças à formação de um saber, que é para ele tanto em efeito quanto uma condição de exercício. (FOUCAULT, 2002, p. 65).

Assim, a partir das práticas em um campo de observação institucional como o asilo e o hospital, dominados pelos médicos, formou-se o saber de uma psiquiatria nascente, ao longo do século XVIII, na França. Além dos relatórios de Jean-Marc Gaspard Itard, o jovem médico a quem foi confiada a guarda do garoto pelo governo francês, muitos outros sábios o examinaram e produziram relatos minuciosos sobre a condição selvagem do menino. Trata-se dos membros de uma sociedade de especialistas fundada em 1799, *Société de Observateurs de l’Homme*, que apresentava como objetivo

[...] estudar as faculdades do homem sobre o plano físico, intelectual e moral. A fim de estabelecer a linha de demarcação entre as certezas e conjecturas. Para sublinhar as grandes características que distinguem o homem dos animais [os observadores] propuseram-se a estudar o homem em todas as épocas e sob todas as latitudes. (GINESTE, apud CORDEIRO, 2006, p. 19).

Entre as produções dos membros prestigiosos daquela Sociedade, encontra-se o relatório do naturalista Bonnaterre sobre o garoto selvagem:

[...] que lhe assinalou a estatura, um metro e trinta e seis, [...], o murmúrio que fazia quando comia, as suas cóleras repentinas, a atração pelas chamas, o sono regulado pelo pôr e pelo nascer do sol, os seus esforços para recuperar a liberdade. A ausência de qualquer imagem virtual – espreitou por detrás do espelho a personagem que julgava escondida. (MALSON, 1978, p. 91).

Mais ilustre e prestigioso que Bonnaterre, foi a palavra de Philippe Pinel, o já famoso médico pelo ato de retirar as correntes dos alienados³, que considerou o selvagem não um indivíduo privado de capacidade intelectual por uma existência de completo isolamento humano, mas: “classificado entre as crianças atingidas de idiotismo e de demência e não há esperança alguma [...] para obter sucessos com uma instituição metódica e longamente continuada” (PINEL, 1800/2004, apud CORDEIRO, 2006, p. 94-95), comparando-o aos idiotas do hospital de alienados de Bicêtre.

Natureza e civilização: a experiência de Itard e a educabilidade do selvagem

A animalidade, a destituição completa da condição humana, esse reino da bestialidade, foi gradativamente ocupado pela figura do idiota, não apenas na curiosidade popular, nas feiras ou nos circos, mas também nos estudos dos sábios que havia muito buscavam em suas especulações os traços do homem em estado puro da natureza, o verdadeiro selvagem. O que sucederia a um ser humano que, diferentemente do louco, tivesse vivido em tal estado de isolamento que nele jamais tivessem sido impressas as marcas da civilização? Uma resposta à questão traria luzes ao debate entre os adeptos das ideias inatas, para os quais o homem já nascia com os traços de sua humanidade, e aqueles para quem o homem era nada mais do que dele se fazia, pela força da imitação e pela influência do pensamento (LOBO, 2008).

A descoberta, no final do século XVIII, de um garoto selvagem nos bosques de Aveyron foi, então, a oportunidade de ouro para sair do campo das meras especulações. Ele despertou a curiosidade popular, conforme descreve, em seu relatório, o jovem médico Jean-Marc Gaspard Itard: “acorreram multidões, viram-no sem o observarem, julgaram-no sem o conhecerem e deixaram de falar no assunto” (ITARD, Relatório. Em: MALSON, 1978, p.137). O menino suscitou nos mais ilustres as esperanças de nele encontrar o estado puro da natureza humana, como se pode ler no Relatório de Itard de 1801:

[...] várias pessoas, muito dignas pela ilustração, [...] julgaram que a educação deste indivíduo seria assunto para alguns meses e que na tardaria que o ouvíssemos dar-nos os mais curiosos pormenores acerca de sua vida passada. Em vez de tudo isso, que se deparou? Uma criança repugnante de sujidade, atacada de movimentos convulsivos, que se balançava sem cessar como alguns animais encarcerados, que mordía e arranhava os que a serviam: em suma: indiferente a tudo e sem prestar atenção a nada. (MALSON, 1978, p. 137).

Itard era adepto intransigente das ideias de Condillac⁴ e, por isso, apegou-se fervorosamente ao trabalho de desenvolver com seu pupilo um método de educação que comprovasse suas convicções, contrariando o parecer prestigioso de Pinel, de quem, aliás, foi aluno, e insistindo na educabilidade do menino. Itard tinha apenas 26 anos em 1800, quando foi nomeado médico chefe do Instituto Imperial de Surdos-Mudos de Paris, dirigido pelo padre Sicard, sucessor do padre L'Épée, dois conhecidos educadores de surdos.

Tendo sido transferido para Paris, o garoto fixou residência no Instituto de Surdos-Mudos onde ficou sob a guarda de seu médico e professor, e acompanhado de sua cuidadora Madame Guérin. Assim, Itard iniciou sua tarefa sempre esperançoso em trazer contribuições ao debate da dicotomia entre natureza e cultura, questão que ainda hoje atravessa os fundamentos das chamadas Ciências Humanas e que, para ele, resumia-se a uma simples operação aritmética de soma: subtraindo-se uma parcela seria possível encontrar a outra. Desse modo, como um observador atento,

ele seria “alguém que recolhendo com cuidado a história de um ser tão espantoso, determinaria o que tem e deduziria o que lhe falta, a soma, até agora incalculada, dos conhecimentos das ideias que o homem deve à educação” (ITARD, Relatório. Em: MALSON, 1978, p. 132).

Deixando de lado, por enquanto, as considerações sobre a validade de suas concepções pedagógicas e sobre a novidade de seu método, interessa-nos aqui o debate que Itard estabeleceu com Pinel, cujo prognóstico acerca da idiotia teve mais aceitação durante boa parte do século XIX, que o do mestre do garoto selvagem. Tendo examinado o menino, Pinel apresenta suas conclusões das quais Itard discorda. Do ponto de vista das funções sensoriais, Pinel diz “que este infeliz [...] era inferior aos animais domésticos” (Itard, Relatório. In: MALSON, 1978, p. 138). Por isso, o “cidadão Pinel” compara-o aos idiotas de Bicêtre e, entre eles, não vê qualquer diferença – mas sim “identidade quase completa e perfeita”, a qual “levava à conclusão de que, afetado por uma doença até agora considerada incurável, [o garoto] não era suscetível de qualquer espécie de sociabilidade e de instrução” (ITARD, Relatório. Em: MALSON, 1978, p. 138-139). Pinel foi minucioso em seu diagnóstico:

Nós observamos que o suposto Selvagem de Aveyron tinha atributos, vários traços característicos em comum com várias crianças cujas funções dos sentidos ou as faculdades morais estão mais ou menos lesadas e que estão condenadas a vegetar tristemente nos hospícios, como não suscetíveis de nenhuma cultura. (PINEL, 1800, apud CORDEIRO, 2006, p.85).

Foi este parecer que a psiquiatria do século XIX acolheu em sua quase unanimidade. Vemos, então, Esquirol diagnosticando o idiota como

[...] o último termo da degradação humana, onde não há nem mesmo o instinto, onde o homem privado de todos os seus atributos, não é mais que um monstro que vegeta (ESQUIROL, 1838, p. 322) [...] Não se concebe a possibilidade de mudar tal estado”. (p. 285).⁵

Esta unanimidade, contudo, não foi completa. Itard, mestre de Séguin, passou-lhe muitos ensinamentos: “em 1838, ele [Itard] recebeu a visita de Édouard Séguin e lhe deu os últimos conselhos para a educação de uma criança idiota, Adrian H., e lhe deixou os materiais que havia desenvolvido durante anos” (CORDEIRO, 2006, p. 54).

○ dispositivo disciplinar de Itard

Itard inaugura, em sua missão civilizatória do selvagem, um dispositivo disciplinar minucioso (FOUCAULT, 1977) que incidia sobre o corpo em todas as suas dimensões⁶. Ao considerar curável a situação de Victor como “um caso inteiramente médico, cujo tratamento pertencia à medicina moral” (ITARD, Relatório. Em: MALSON, 1978, p. 143), medicina moral adotada por seu mestre Pinel, hoje pode-

mos dizer que sua medicina consistia muito mais em uma pedagogia disciplinar do que a utilização do seu instrumental médico que, aliás, pouco aplicou ao tratamento do garoto. É o que, de início, pode-se constatar quando apresenta no seu relatório uma sistematização prévia dos objetivos a serem alcançados em suas experimentações, e dos quais jamais se desvia. São, em resumo, os seguintes:

[...] adaptá-lo á vida social [...], despertar-lhe a sensibilidade nervosa [...], alargar-lhe a esfera das idéias [...], levá-lo ao uso da palavra [...] e exercer durante algum tempo sobre os objetos de suas necessidades físicas as mais simples operações do espírito [...]. (MALSON, 1978, p. 144).

Com algumas hesitações, que honestamente confessa, segue construindo, por tentativas e erros, seu método de domínio sobre o corpo de Victor. Erros que, na maioria de seus relatos, ele atribui ao aluno, por isso não se sente obrigado a mudar seus princípios, nem sempre a alterar seus procedimentos, apenas repeti-los. Por vezes manifesta-se desiludido quanto aos resultados de suas experiências: “por várias vezes [...] sempre em épocas afastadas umas das outras tentei de novo as mesmas experiências e vi-me sempre obrigado a desistir por causa de idêntico obstáculo” (ITARD, Relatório, In: MALSON, 1978, p. 204).

A esse respeito, Gaston Bachelard (1970, p. 18) afirma que “o professor sempre acredita que se pode levar o aluno a compreender uma demonstração repetindo-a ponto por ponto”. E o obstáculo será sempre o aluno, cuja resistência não chega ao mestre como um desafio capaz de estranhar os caminhos percorridos e modificar seus fundamentos. Itard descreve muito bem seus estados de esperança e desesperança como um drama frente ao que denomina como obstáculo ao seu método. O mal-entendido presente em situações de poder professor-aluno reedita, na maioria das vezes, uma relação assimétrica autoritária. Segundo Maud Manonni (1976), quanto mais o professor exige do aluno o saber que lhe falta, mais este se furta. Resistindo, seu desejo foge de seu corpo para não se ver transformado num mero prolongamento do desejo do mestre. E, assim, quanto mais o aluno lhe dá em troca aquilo que o mestre denomina deficiência como falta, mais se sente atingido pela falta de saber do aluno, mais insistirá no que de antemão está destinado ao fracasso, a repetir-se *ad nauseam*.

Embora bastante impressionado com as respostas estranhas de Victor, o mestre despreza tudo o que Victor apresenta como não aprendizagem, ou seja, tudo aquilo que teria sido adquirido antes de suas aulas, na vida solitária nos bosques e/ou na companhia dos camponeses que o encontraram; ou longe de suas aulas, nas horas livres aos cuidados de madame Guèrin, sua cuidadora, ou na companhia da filha dela, Julie. Quando da ausência de Julie, Victor repete um som bem próximo ao nome da menina (como *lhi* em português, ou *gli* em italiano), que o mestre apenas assinala e parece ficar surpreso com a pronúncia, mas não o considera como manifestação de linguagem. As resistências do aluno são sempre tomadas como erros, mesmo quando Victor pronuncia palavras daquilo que gosta (como “lait”) ou repete ditos de sua cuidadora, a quem ele dedica mais afeto do que a seu mestre. Frente aos ataques de cólera, seguidos de descontrole motor, que considera como convulsões epiléticas,

reações de furor do aluno às complicações dos exercícios, o mestre resolve abandonar a atitude que chama de “condescendência”, e recorre à ameaça, provocando em Victor uma reação de terror:

[...] abri com violência a janela situada no quarto andar [...] aproximei-me dele, apresentando fúria incontida e agarrando-o fortemente pelas ancas, expu-lo sobre a janela, com a cabeça voltada para o precipício. Retirei-o ao fim de alguns segundos, pálido, coberto de suores frios, os olhos lacrimejantes e agitado por leves tremores, que atribui aos efeitos do medo. (ITARD, Relatório. In: MALSON, 1978, p. 185).

No entanto, apesar de todo o furor pedagógico-disciplinador, há algo de fascinante em seus relatos⁷. É curioso observar que, em alguns trechos, Itard oscila entre segmentos duros estratificados de certezas inabaláveis e segmentos flexíveis⁸ quando se deixa afetar por algo que o sensibiliza nas expressões de Victor, revelando, por vezes, certa qualidade poética do seu texto:

Quando, durante a noite, os raios de luar penetravam no seu quarto, raramente deixava de acordar e de vir para diante da janela, onde se mantinha bastante tempo, imóvel, com o pescoço estendido e os olhos fixos nos campos iluminados pela lua, mergulhado numa espécie de êxtase contemplativo, cujo silêncio e imobilidade só eram interrompidos por uma respiração profunda, que se repetia com intervalos regulares e que acompanhava quase sempre de um pequeno queixume. (ITARD, Relatório. In: MALSON, 1978, p. 148).

Contudo, suas experiências com Victor não foram suficientes para atenuar-lhe as certezas que permaneceram cada vez mais estratificadas, principalmente quanto à sua concepção de linguagem. Estacionado na significância e na representação, Itard considera como as únicas manifestações tipicamente humanas a fala (oral) e a escrita e, aferrado às suas convicções, tornou-se, mais tarde, ainda mais acirrado defensor do oralismo na educação dos surdos, não apenas como uma via de comunicação, mas como processo de humanização.

O caminho aberto por Itard: visita do médico brasileiro ao trabalho de Séguin

Apesar do relevo dado à monstrosidade da figura do idiota, ele não foi o objeto de estudo privilegiado pela maioria dos alienistas franceses, muito menos pelo incipiente alienismo brasileiro do século XIX. À exceção dos trabalhos de Belhome, Voisin e principalmente de Séguin, o estudo da idiotia vinha a reboque da alienação mental, na distinção entre a doença do louco – daí a possibilidade de tratamento e cura – e o estado permanente e incurável do idiota. A discordância destes autores não foi suficiente, na França e no Brasil, para a separação de ambos em espaços institucionais diferentes: loucos e idiotas permaneceram internos nos mesmos hospícios. A primeira metade do século foi dominada pelo pensamento de Esquirol para o qual ao idiota nada restava do instrumental médico para melhorar sua condição. Na contra

mão deste diagnóstico, a Edouard Séguin, seguindo os rastros de Itard, coube levar adiante as experiências com a educação de Victor, as lições disciplinares de seu mestre, ainda com mais rigor. É o que veremos a seguir.

Um médico brasileiro foi testemunha deste rigor. Por volta dos anos 1840, trabalhava-se no Brasil para a instalação do primeiro hospital de alienados, o Hospício de Pedro Segundo, que viria a funcionar em 1852, no Rio de Janeiro. Em 1844, uma comissão fora designada pelo provedor da Santa Casa de Misericórdia para visitar os principais hospícios da Europa, a fim de conhecer o que havia de mais atual nas práticas do alienismo no continente. O relatório referente aos hospitais da França, de autoria do médico Antônio José Pereira das Neves, foi publicado nos *Anais de Medicina Brasileira*, de 1847 a 1849.

Na escola de Bicêtre, onde Séguin desenvolvia seu método, o doutor Neves expõe “resumidamente os meios que Mr Séguin empregava para o ensino físico, moral e intelectual dos idiotas” (NEVES, Anais 1847-9, 1848. n.2, p.42). De tal maneira, ficou impressionado com o que viu, que propôs a aplicação desses meios a todos os estabelecimentos de alienados. A reprodução de algumas cenas a que assistiu é a oportunidade para o leitor situar-se entre os personagens tão singulares:

Frequentes vezes assisti a estes exercícios ginásticos dirigidos por Mr. Séguin, que, com a maior satisfação e urbanidade tudo me fez ver; ao som do tambor tocado por um deles, todos os idiotas se formam em companhias: marcham fazendo diferentes evoluções militares. Foi para mim um espetáculo interessante ver muitos destes jovens idiotas marcharem com aquela hesitação e dificuldade que é própria de quem não possui firmeza de passo, nem equilíbrio de corpo; alguns apenas podiam alcançar na marcha os seus companheiros, fazendo com os braços e a cabeça toda a sorte de movimento; outros jazendo no chão se arrastavam sobre os quatro membros; outros me saudavam com riso imoderado e com um movimento incessante de uma ou ambas as mãos; muitas davam gritos tão selvagens que mais pareciam provenientes de uma fera do que voz da espécie humana! Em presença de discípulos tão singulares, Mr. Séguin em primeiro lugar procura imprimir, como disse, idéias de moralidade, dever, e obediência, regularizando as forças físicas para o desenvolvimento da inteligência. Os primeiros ensaios são para produzir a imobilidade do corpo e os movimentos regulares; para isto Mr. Séguin coloca todos os seus idiotas em linha; mas quanto não é difícil conservá-los no alinhamento? Uns cruzam as pernas, outros escorregam, a maior parte se agita, riem-se, gritam, e alguns enfim se debandam! O tambor dá o sinal de marcha: em princípio eles não distinguem o pé direito do esquerdo, é necessário Mr. Séguin repetir incessantemente as palavras - direito, esquerdo - e tocar sobre os pés dos discípulos, assim como sobre as pernas, braços, mãos, e orelhas para afinal compreenderem. Na falta de equilíbrio natural Mr. Séguin emprega uns pesos denominados ‘dombelles’ cujos pesos ele pendura em cada mão, a fim de servir à maneira de maromba para dar equilíbrio ao corpo. Quanto ao exercício simultâneo dos braços e pernas, Mr. Séguin

emprega uma escada de mão colocada de uma maneira mais ou menos oblíqua pela qual os idiotas sobem e descem de diversos modos. (NEVES, Anais 1847-9, 1848. n. 2, p. 42).

Quanto aos sucessos obtidos, o autor descreve:

Relativamente ao ensino da articulação tanto das letras, como dos nomes e afinal da leitura, Mr. Séguin emprega um método variado, segundo a maior ou menor dificuldade física, e intelectual dos seus discípulos. Mr. Séguin mostrou-me um destes idiotas que pareceu-me ter 20 anos de idade, tão contrafeito que além de ser aleijado dos braços andava sobre os joelhos; este idiota, segundo me afirmou o professor, apenas produzia certos sons semelhantes ao grunhido do porco, ao entrar na classe, mas agora já conhecia 6 letras vogais e três consoantes depois de 20 dias de ensino na escola! Devo, porém, confessar, que com bastante dificuldade pude entender o que ele pronunciava com sua voz rouca e desconsertada. (NEVES, Anais 1847-9, 1848. n. 2, p. 43).

Séguin seguidor de Itard: a noção de desenvolvimento e o rigor disciplinar do tratamento moral

O panorama da noção de desenvolvimento no século XIX foi marcado pela fatalidade biológica da idiotia, das malformações inatas, permanentes e incuráveis. Esquirol (1838) serviu-se dela para diferenciar a idiotia da demência. Mas, nesta distinção, fica clara a ideia de desenvolvimento não como uma norma, uma lei natural da qual ninguém escapa, mas como uma propriedade que uns possuem e outros não. Jogando a loucura no tempo, atribuindo-lhe particularidades para cada etapa da vida, o desenvolvimento imprime no louco e no demente as vicissitudes de uma história e as suprime inteiramente do idiota. A do demente, pelo fim de uma história – é um proprietário que ficou pobre. A do idiota, por uma história que ele nunca teve porque já nasceu despojuído.

Séguin (1846) contraria os fundamentos desta distinção, quando apresenta a noção de desenvolvimento não mais como uma propriedade ou uma faculdade dos indivíduos, mas como um processo universal, sujeito às contingências de uma velocidade ou de uma parada. O próprio título completo de seu livro enuncia esta tese: *Traitement moral, hygiène et éducation des idiots et des autres enfants arriérés ou retardés dans leur développement, agités de mouvements involontaires, débiles, muets non sourds, bégues etc.* Na condição de processo, o desenvolvimento é a norma da infância, quando poderá haver variações. E o mais importante: ao universalizar o desenvolvimento, Séguin universalizou a idiotia como etapa do desenvolvimento humano, que todas as crianças normais rapidamente ultrapassam, enquanto as idiotas permanecem afundadas nesta etapa da infância normal (FOUCAULT, 2006). Logo, a idiotia não é uma doença, mas uma variação do processo de desenvolvimento, um estado que pertence à infância. Isto permitirá, mais adiante, estabelecer a hipótese de um conhecimento da criança, comparando idade mental e idade cronológica, base da formulação para a maioria dos testes de avaliação do desenvolvimento infantil.

Contudo, apesar de bastante questionado pelos psiquiatras pelo fato de não ser médico, Séguin priorizou o tratamento moral, táticas semelhantes às aquelas que a psiquiatria adotava na domesticação do louco. Assim, a idiotia não significava apenas a diminuição ou a parada do desenvolvimento da inteligência, mas sobretudo a supressão da vontade moral. Assim, por meio do tratamento moral, todo o rigor disciplinar, inaugurado por Itard, será intensificado com ainda mais rigor pelo seu discípulo, como se pode verificar nas cenas descritas pelo dr Neves. Um poder disciplinar, cujos fundamentos justificarão seu método.

Preocupado em dar cunho fisiológico ao método, ele descarta o que chama de “teoria metafísica”, procurando assentar suas explicações psicológicas sobre as peculiaridades dos comportamentos da idiotia no desenvolvimento e nas funções do organismo. Na hierarquia destas funções, a vontade é o eixo de dominação das demais. A partir de suas observações, ele considera a idiotia como uma enfermidade do sistema nervoso

[...] que tem o efeito radical de subtrair todo ou parte dos órgãos e das faculdades da criança à ação regular de sua vontade que deixa livre seus instintos e a retrai do mundo moral. [...] O tipo idiota é um indivíduo que nada sabe, nada pode, nada quer, e cada idiota se aproxima mais ou menos do máximo de incapacidade. (SÉGUIN, 1846, p. 107).

Nele faltariam as dimensões superiores da vontade intelectual e moral, cuja ausência torna-o aquela estranha figura que só é capaz de ter vontade de não querer ter vontade. Ele é uma vontade negativa que diz não a toda ordem, a tudo que não seja a satisfação imediata dos instintos. A educação teria, então, o mister de tirá-lo da prisão da vontade negativa dos instintos e elevá-lo ao universo das possibilidades humanas. Por isso, o trabalho educativo deve ser eminentemente moral (LOBO, 2008). Parece surpreendente o que diz Séguin:

O tratamento moral da vontade, uma vez que não é no meu método o princípio de tudo, é o começo e o fim, é todo o método, porque é em si ‘a princípio’ (1846, p. 642). [...] É um tratamento moral da vontade, uma vez que não é o desenvolvimento da inteligência (parada atraso ou diminuição) a função definidora da idiotia: [...] as desordens da vontade são muito mais graves na idiotia [...] que todas as desordens fisiológicas e psicológicas reunidas. (SÉGUIN, 1846, p. 663).

Então, toda autoridade do mestre será sua presença imperativa e imprescindível para obter a obediência do aluno, o que significa a aceitação da vontade superior do mestre, a transformação do *não* instintivo em *sim* moral. É o gesto autoritário do mestre que promove a vontade superior do aluno, que comprime a vontade primária dos instintos: “com o idiota é preciso que o Mestre manifeste sua vontade sob a forma intrínseca e absoluta, que ele queira com todo aparelho da vontade, que ele queira de modo imperativo, o mais imperativo” (SÉGUIN, 1846, p. 667). Eis, em resumo, a marca em Séguin da herança de seu mestre Itard, tornada ainda mais rigidamente disciplinadora.

Houve um longo processo, a partir do experimento de Itard, engendrado pela psiquiatria francesa, de saberes e práticas que influenciaram o alienismo nascente no Brasil do final do século XIX. A entrada em funcionamento do primeiro estabelecimento oficial para alienados, o Hospício de Pedro Segundo, em 1851, no Rio de Janeiro, não representou um avanço da medicina mental limitada à citação livresca dos manuais franceses nas teses das primeiras faculdades de medicina fundadas no Rio e na Bahia em 1831. E isto é particularmente verdadeiro no que concerne à preocupação da medicina mental com as questões da idiotia na infância. Somente no início do século XX, em 1903-1904, é inaugurado um pavilhão para crianças, denominado “Pavilhão-Escola Bourneville para Crianças Anormas”, no interior do Hospício¹⁰, em homenagem ao médico francês cujo método de tratamento e educação foi desde logo adotado por Fernandes Figueira, pediatra e diretor desta seção de crianças. Inicia-se, então, o processo de institucionalização no Brasil da aliança médico-pedagógica inaugurada por Itard.

O acontecimento Victor de Aveyron: aliança médico-pedagógica e a expansão da psiquiatria

Segundo Jacqueline Gateaux-Mennecier (s/d), as disputas de poder sobre a idiotia entre médicos e educadores, no final do século XIX na França, tiveram como marco inicial na década de 40 o sucesso científico dos trabalhos de Séguin que, mesmo sem ter formação médica, recebeu apoio do governo francês para a recuperação dos idiotas, desprezados como incuráveis. Contudo,

Séguin parece ser o símbolo de uma ingerência estrangeira sobre um terreno até então considerado propriedade da medicina; [...] ele será o alvo de vivas críticas da parte dos médicos, para dar caução à cientificidade exclusiva da medicina e, do mesmo modo, legitimar seu poder”. (GATEAUX-MENNECIER, s/d, p. 87 e 88).

Hoje, porém, pode-se dizer que essas questões corporativas não colocaram em risco o poder médico sobre os idiotas, até porque Séguin, por outra via, ajudou a legitimar a competência da medicina. Tudo o que publicou na França (mudou-se depois para os Estados Unidos) tem por base o saber médico: confirma e estende os métodos disciplinares da psiquiatria à educação dos idiotas.

Se o aparecimento de Victor para as luzes da civilização provocou a produção de um saber colonizador sobre o corpo resistente à normalização, a busca do limite do que pode aquele corpo selvagem, tão incapaz quanto o idiota, velho conhecido dos séculos XVIII e XIX, provocou também o surgimento do dispositivo da aliança médico-pedagógica que até hoje observamos incidir sobre os corpos infantis, mesmo considerando as diferenças de objetivos, de recursos técnicos, das práticas institucionais, das tentativas de inclusão social. Em sua emergência, tratava-se de um poder que tomava para si o encargo de instituir a ordem, de impedir o retorno à origem animal ou à degenerescência da espécie e que, portanto, teria de operar contra a maldade dos instintos e instaurar a regra amorosa da sociabilidade (BIRMAN, 1978). Uma regra de separação entre bem e mal peculiar ao humano que, partindo do bio-

lógico, se transformasse em uma outra natureza no social. Um duplo movimento: a naturalização da moral e a moralização da natureza (LOBO, 2008).

A criança foi objeto e o instrumento privilegiados dessa construção. Mais próxima da origem, por isso sujeita à desordem dos instintos, a apreensão de certas características regulares de seu desenvolvimento deu-se por meio daqueles que apresentavam variações negativas dessas mesmas características. A anormalidade como necessária à construção de um saber e historicamente anterior à produção da norma, segundo as análises de Georges Canguilhem (1978). A esse respeito, é surpreendente a análise histórica que Foucault nos oferece:

[...] a psiquiatrização da infância, por mais paradoxal que seja, não passou pela criança louca e pela relação constitutiva entre loucura e infância. Parece-me que a psiquiatrização da criança passou por outro personagem: a criança imbecil, a criança idiota, a que logo será chamada de criança retardada. (FOUCAULT, 2003, p. 201).

E ele acrescenta outra hipótese interessante: a expansão da psiquiatria (e da noção da doença mental) não se deu pela via do adulto, mas “a partir da criança e da anomalia e não do adulto e da doença” (FOUCAULT, 2003, p. 221), especificamente a partir da anomalia da criança idiota. É possível então acrescentar que a aliança entre os saberes e práticas da medicina e da pedagogia foi um dispositivo historicamente importante dessa expansão iniciada pelo método de Itard frente ao desafio do acontecimento Victor de Aveyron.

Por enquanto, seguindo a trilha inaugurada pelo médico de Victor de Aveyron, será preciso assinalar que a história da criança anormal é a história das múltiplas práticas de objetivação, cujo começo no Brasil data do início do século XX. E a história dessas práticas e dos saberes constituem, atualmente, os campos da medicina e da medicina psiquiátrica, da psicologia e da pedagogia, como também os campos jurídico e judiciário. É uma história de separações, diferenciações, classificações, cortes incessantes do jogo complementar entre exclusão e inclusão.

Referências

- BACHELARD, G. **La formation de l'esprit scientifique**. Paris, J. Vrin, 1970.
- BIRMAN, J. **A psiquiatria como discurso da moralidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- CASTEL, R. **A ordem psiquiátrica: a idade do ouro do alienismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- CORDEIRO, A. F. M. **Relações entre aprendizagem e desenvolvimento humano: as contribuições de Jean Marc-Gaspard Itard 1774-1836**. Tese de doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em: <www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/3/TDE20>. Acesso em: 21 de novembro de 2015.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Ed. 34, 2011, 2. ed.
- ESQUIROL, J. E. D. **Des maladies mentales considérées sous le rapport medical, hygienique et médico-légal**. Paris: J.B. Baillière, 1838.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Lisboa 2: Portugalia, s/d.
- _____. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1977.

- FOUCAULT, M. **O poder psiquiátrico**. Curso no Collège de France (1973-1974). São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. (Auto)biography – 1926-84. In: **History of present**. São Francisco: University of California, 1988, p.13-5.
- _____. **Os anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GATEAUX-MENNECIER, J. **Bourneville et l'enfance aliénée: l'humanisation du défiant mental au XIX siècle**. Paris: Centurion, s/d.
- ITARD, J. M. G. Memória e relatório sobre Vitor de Aveyron (1801) e Relatório acerca dos novos progressos de Vitor de Aveyron (1806). In: MALSON, L. **As crianças selvagens**. Mito e realidade, Porto: Livraria Civilização, 1978.
- LOBO, L. F. **Os infames da história, pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Lamparina, 2. ed., 2008.
- MALSON, L. **As crianças selvagens, mito e realidade**. Porto: Livraria Civilização, 1978.
- MANNONI, M. **Educação impossível**. Lisboa: Moraes, 1976.
- NEVES, A. J. P. Relatório acerca do tratamento dos alienados e seus principais em França, Inglaterra, Itália Alemanha, Bélgica e Portugal. **Anais de Medicina Brasileira**. Rio de Janeiro: 4º ano, v. 4, n. 1 (p. 12-6). n. 2 (42-7), 1848-9.
- SÈGUIN, É. **Traitement moral, hygiène et education des idiots et des autres enfants arriérés ou retardés dans leur développement, agités de mouvements involontaires, débiles, muets non sourds, bègues etc**. Paris: Chez J.B.Baillièrre, 1846.

Notas

- ¹ A criança selvagem foi encontrada por camponeses no final do século XVIII, na região de Aucune, vivendo nos bosques de Aveyron, na França.
- ² Em seu livro *As palavras e as coisas* (s/d), Foucault nos apresenta uma arqueologia das ciências humanas, no tripé dos saberes nascentes da filologia (a linguagem), a economia (o trabalho) e a biologia (a vida): “o homem é uma invenção recente, tal como a arqueologia do nosso pensamento o mostra facilmente. E talvez ela nos indique também o seu próximo fim” (FOUCAULT, s/n, 502). Esta afirmação sobre a “morte do homem”, e, assim, dos saberes das ciências humanas, trouxe muitas polêmicas após a publicação, nos anos 60, em torno deste livro de Michel Foucault.
- ³ A esse respeito, Robert Castel (1978) nos aponta: “o ato fundador de Pinel não é retirar as correntes dos alienados, mas sim o ordenamento do espaço hospitalar. Através da ‘exclusão’, do ‘isolamento’ do ‘afastamento’ para prédios distintos, as categorias misturadas do enclausuramento são desdobradas em tantas quantas forem as razões para se tornar um assistido: pobreza, velhice, solidão, abandono pelos parentes, doenças diversas. A categoria da loucura se destaca, então, em sua especificidade.” (p. 83)
- ⁴ Segundo Condillac, pensador do empirismo do século XVIII, “tudo se aprende, tudo deriva das sensações”.
- ⁵ Jacqueline Gateaux-Mennecier em seu livro *Bourneville et l'enfance aliénée* (s/d, p.56) cita alguns dos autores do século XIX que, em suas considerações sobre a idiotia, acompanham o prognóstico de Pinel e que, para Itard, não passa de um cálculo incerto, “de probabilidades e conjecturas” (ITARD, Relatório. In: MALSON, 1978, p. 139). São, entre outros: Georget, Calmeil, além de Esquirol.
- ⁶ Como se pode observar nos objetivos que Itard propõe em seu relatório (ITARD, Relatório. Em: MALSON, 1978, p. 144...).
- ⁷ Talvez tenha sido tocada por esse fascínio que levou Maria Montessori a copiar a mão, como um monge medieval já no século XX, os relatórios de Itard (MALSON, 1978, p. 91).
- ⁸ Deleuze e Guattari ver *Micropolítica e segmentaridade*, em Mill Platôs, 2011.
- ⁹ Neste texto foi usada apenas a terceira parte do relatório publicado nos *Anais de Medicina Brasileira* (1847-1849).
- ¹⁰ Logo após a proclamação da República, o Hospício de Pedro Segundo passou a denominar-se Hospício Nacional de Alienados, tendo sido desativado no início dos anos 40, para dar lugar à Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Líliá Ferreira Lobo

Correspondência

Líliá Ferreira Lobo – Rua Senador Vergueiro, 157, ap. 905, CEP: 22230-000, Flamengo, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: liliaferreiralobo@gmail.com

Recebido em 03 de junho de 2016

Aprovado em 23 de agosto de 2016